



À procura de Saul!¹

Uma análise de Primeiro Samuel 9-(12)14

Seeking Saul! An analysis of 1 Samuel 9-(12)14

José Ademar Kaefer*

Resumo

À procura de Saul pode ser chave para entender o surgimento do povo que mais tarde se denomina Israel. A narrativa bíblica dos livros de Samuel esconde antigas tradições que remetem ao reino saulida. Resgatar essas tradições é o objetivo desse ensaio. O texto em estudo é 1Sm 9-(12)14. Nele se encontram três histórias que fazem parte da memória que remete aos princípios do reino saulida: a história das jumentas perdidas, a guerra contra os amonitas e a batalha contra os filisteus. Essas memórias foram encobertas por redações posteriores. Três camadas são visíveis na narrativa: uma pré-deuteronomista (Dtr), uma deuteronomista, séc. VII a.C., e uma exílica ou pós-exílica. Apesar da arqueologia não ter encontrado provas da existência de atividade literária em Israel antes do séc. VIII, este ensaio propõe que a primeira redação aconteceu durante o reinado dos omridas em Samaria (884-842). As memórias antigas estão relacionadas com nomes de cidades/aldeias: Salisá, Saalim e Suf, que só aparecem no texto em análise, e cuja localização exata se perdeu, Betel e Micmas. Além destas, Gibeá de Saul, Gibeá de Benjamin, Gibeá de Elohim, Gebá e Gibeon. Todas se encontram no território de Benjamin e todas têm em comum a raiz *gb'* (montanha), o que é uma pista para identificar o reino saulida.

Palavras-chave: Saul; Tradições; Samuel; Benjamin; Gibeá.

Abstract

Seeking Saul may be a key to understand the emergence of the people who later will be called Israel. Biblical narratives in Samuel Books hide ancient traditions that may refer to saulide kingdom. To rescue these traditions is the purpose of this paper. The text under consideration is 1 Samuel 9-(12)14. In it are three stories that are part of memory which refers to the beginning of saulide kingdom: the story of the lost donkeys, the war against the Ammonites and the battle against the Philistines. These memories have been obscured by subsequent redactions. Three layers are visible in the narrative: a pre-Deuteronomistic (Dtr), a Deuteronomistic, VII B.C.E., and an exilic and post-exilic. Although archeology has not found evidence of literary activity in Israel before VIII Century B.C., this paper proposes that the first draft took place during the reign of the omridas in Samaria (884-842). Old memories are related to town's names: Shalishah, Shaalim and Suf, which only appear in the text in question, and whose exact location has been lost, Bethel and Michmash. Besides these, Gibeah of Saul, Gibeah of Benjamin, Gibeah of Elohim, Geba and Gibeon. All are in the territory of Benjamin and all have the same root *gb'* (mountain), which is a sign to identify the saulide kingdom.

Keywords: Saul; Traditions; Samuel; Benjamin; Gibeah.

Artigo recebido em 19 de fevereiro de 2016 e aprovado em 17 de maio de 2016.

¹ Este é o primeiro de três artigos, resultado da pesquisa de pós-doutorado no Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, sob a orientação do Prof. Israel Finkelstein.

* Doutor em Teologia Bíblica pela Universidade de Münster, Alemanha (Westfälischen Wilhelms-Universität Münster). Professor titular de AT do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). País de origem: Brasil. E-mail: jademarkaefer@yahoo.com.br

Introdução

Por que escrever sobre Saul? Porque, com a conclusão cada vez mais convicta do desenvolvimento tardio de Judá e a conseqüente queda da teoria da monarquia unida, a atenção da pesquisa bíblica volta-se para Israel Norte. E, aos poucos, se está descobrindo outro Israel. Se Davi e Salomão deixaram de ser referência histórica para o estudo das origens de Israel, Saul pode ser a chave.² A pergunta inicial pode ser dirigida também ao redator deuteronomista de Jerusalém, quem sabe a resposta fique mais convincente: por que ele tem que falar longamente de Saul, se sua função é promover a história e as tradições de Judá? Porque as tradições de Saul eram muito conhecidas em Judá, uma vez que a distância entre o território de Benjamin e Jerusalém é pequena. No princípio elas se preservaram nos santuários de Benjamin. Depois foram assimiladas e serviram de propaganda do estado na capital Samaria. Com a chegada dos migrantes da Samaria à Jerusalém, após 720 a.C., o deuteronomista fez uso delas para construir a história de Judá. Mas, precisava desvanecê-las para que os heróis do seu povo se sobressaíssem.³

Destarte, o objetivo deste ensaio é ir em busca do resgate das tradições saulidas remanescentes nas entrelinhas do texto bíblico. É uma tarefa complexa, mas acreditamos ser possível levá-la a efeito, pelo menos em termos. Atentaremos prioritariamente às memórias sobre Saul presentes em 1Sm 9-(12)14. Adiantamos que as entrelinhas desse texto deixam entrever que existiu um Israel antes de Israel, cujo nome provavelmente não era esse. Talvez pudesse ser chamado de

²A importância de Saul se revela no interesse que alguns autores (Cf. NA'AMAN, 2009, p. 335-349) começam a ter em argumentar de que a tradição de Benjamin e seu território faziam parte do território de Judá desde o seu princípio. Entendemos que esta é uma tentativa para salvaguardar a relevância do papel de Judá na formação do Israel primitivo. Relevância essa que vem desabando com as descobertas cada vez mais evidentes de que Judá foi um capítulo secundário na origem de Israel.

³As origens de Israel se encontram no norte e não no sul. As menções extra-bíblicas a Israel, como na estela de Salmanassar III, de Mesa e de Dã, sempre se referem ao reino do norte, nunca ao sul, que sempre é nomeada por Judá. O nome Israel só é aplicado a Judá depois da destruição da Samaria em 720 a.C.

Gibeá ou Gibeón, o reino da montanha.⁴

1 Os livros de Samuel

Na Bíblia hebraica, os livros de Samuel fazem parte dos livros históricos (Js-2Rs) e pertencem ao bloco dos profetas anteriores. Inicialmente formavam um único rolo com os livros dos Reis. A Septuaginta, onde o texto é menor, seguido pela Vulgata, divide os livros de Samuel e de Reis em quatro: 1,2,3,4 livros dos Reis.

Quanto à estrutura, os livros de Samuel podem ser divididos em quatro grandes unidades: 1) 1Sm 1-15: A transição dos juízes para a monarquia. 2) 1Sm 16-2Sm 8: A ascensão de Davi. 3) 2Sm 9-20: As lutas pela sucessão de Davi. 4) 2Sm 21-24: Apêndices (KAEFER, 2014, p. 302). Entendemos que toda obra é marcada por pelo menos três etapas redacionais: uma mais antiga, pré-deuteronomista, que guarda as memórias sobre Saul e que será objeto de nossa apreciação mais extensamente, outra denominada de Deuteronomista, e uma terceira do período exílico e pós-exílico.

A maior delas é a redação Deuteronomista histórica (Dtr), que aconteceu no final do século VIII, durante o reinado do rei Ezequias (716-687), e principalmente no final do século VII, durante o reinado do rei Josias (640-609). Ela se concentra majoritariamente nos capítulos que tratam da ascensão de Davi (1Sm 16-2Sm 8). Uma das finalidades da composição deuteronomista era o fortalecimento do projeto expansionista dos reis de Judá, que com queda da Samaria em 720 a.C., e mais tarde com o enfraquecimento do domínio e presença assíria (632-609), viram uma oportunidade para conquistar os territórios do sul e do norte, antes pertencentes a Israel Norte.⁵ É nesse intuito que a figura de Davi é exaltada

⁴ A possível referência a Israel na estela do faraó Mernepta ainda é uma incógnita. É muito difícil que por esse tempo, final do século XIII a.C., Israel já existisse como entidade, menos ainda que pudesse representar uma ameaça ao poder egípcio.

⁵ O contexto assírio na composição deuteronomista pode ser percebido em 1Sm 18 no uso do verbo *'hb* "amar", repetido seis vezes (v. 1.3.16.20.22.28), uma expressão política muito usada nos tratados assírios para expressar a lealdade do vassalo com o seu suserano (NIHAN; NOCQUET, 2010, p. 349). Aqui revela o interesse do rei Josias em anexar o território de Benjamim. O uso do modelo dos tratados assírios pelo deuteronomista pode ser visto mais claramente no final do livro do Deuteronômio (KAEFER, 2006, p. 235-247).

grandemente, como aquele que é o amado de Javé e seu protegido, que conquista Jerusalém, que expulsa os filisteus e que é ungido rei sobre todo Israel (2Sm 5). A mesma exaltação é feita aos reis Ezequias e Josias, remanescentes da dinastia davídica e apresentados como o novo Davi (2Rs 18,3-8; 23,25): “Esta casa e realza subsistirão para sempre diante de Javé” (2Sm 7,16).

A mão do redator deuteronomista também pode ser vista nas outras unidades, como em 1Sm 2,12-4,1, onde prevalece a figura de Samuel (RÖMER, 2015, p. 305-315.), que é um personagem deuteronomista introduzido para tirar a legitimidade das tradições de Israel Norte, representadas por Eli, o sacerdote ancião de Silo. A base dessa narrativa tem sua origem no norte, onde Samuel não constava. É possível que no princípio o personagem consagrado fosse Saul, que depois a redação deuteronomista substituiu por Samuel. Essa mesma mão transparece também nas unidades que tratam da sucessão de Davi (2Sm 9-20) e no apêndice (2Sm 21-24), onde o redator deuteronomista procura redimir Davi de suas más ações e exaltá-lo como o “sol da manhã” (2Sm 23,1-7).

A redação exílica e pós-exílica perpassa toda a obra e pode ser percebida aqui e acolá. É o caso do relato sobre a arca (1Sm 4,1b-7,1), uma história independente utilizada para mostrar que Javé abandonou Eli, o sacerdote de Silo. Por isso a arca foi capturada pelos filisteus. E Samuel, por meio de um holocausto, derrota a nação filisteia (1Sm 7,1-12). A teologia pós-exílica se manifesta também na imagem do Deus terrível, para quem ninguém pode olhar ou permanecer na presença (1Sm 6,19-20), a não ser o sumo sacerdote (Ex 19,12-13.21; Lv 28,15-26). Ela ainda é identificada na crítica do redator à monarquia. É o caso de 1Sm 7-8, onde o governo teocrático do pós-exílio é claramente contra a monarquia. Para ele, “basta o temor a Javé” (1Sm 12,24).

2 1Sm 9-(12)14 e as antigas memórias sobre Saul⁶

As antigas memórias sobre Saul se encontram espalhadas nos livros de Samuel. A unidade que melhor preserva estas memórias é 1Sm 9-(12)14 (VAN SETERS, 2008, p. 264-276). Contudo, é possível encontrar outras referências às antigas tradições de Saul nos livros de Samuel. Pensamos particularmente em 1Sm 1-4, que trata das tradições do norte no santuário de Silo; em 1Sm 31, que narra a batalha no monte Gelboé, onde Saul e Jônatas foram mortos; em 2Sm 2, que faz referência ao reino de Isbaal, filho de Saul, depois da morte deste.

Estas memórias nos livros de Samuel foram encobertas por tradições posteriores. Primeiro acontece a sobreposição das ações de Samuel às tradições de Saul e depois as de Davi se sobrepõem às de Saul. Esta sobreposição das duas tradições, as de Samuel e de Davi sobre as de Saul, se dá em dois momentos: uma durante a monarquia tardia, com a exaltação de Samuel e Davi em favor da monarquia davídica, e outra no exílio e pós-exílio, quando Samuel é colocado como contrário à monarquia e Davi é pintado pela teologia messiânica. Quando essas memórias foram postas por escrita por primeira vez?

2.1 Datação

Nos últimos anos vem se formando um consenso de que a redação de textos complexos em Israel só começa a surgir na primeira metade do século VIII. A base para esse consenso são as inscrições encontradas em Kuntillet 'Ajrud (MESHEL; CARMI; SEGAL, 1995, p. 205-212) e Deir Alla (FRANKEN, 1960, p. 386-393), que constam ser da primeira metade do século VIII. Portanto, durante o reinado de Jeroboão II (788-747), em Israel Norte. Antes dessa data não se há encontrado inscrições que pudessem comprovar a existência de atividade literária em Israel.

⁶ Tradicionalmente o reinado de Saul é situado nos anos 1030-1010 ou, conforme outros pesquisadores, nos anos 1025-1005. A única base para essa localização cronológica são os dados fornecidos pela Bíblia (1Sm 13,1; 2Sm 5,4; 1Rs 11,42), que dada à sua composição tardia, devem ser questionados. A partir dos resultados das pesquisas atuais teríamos que situar o reino de Saul para quase um século mais tarde, isto é, para a segunda metade do século X, entre os anos 950 e 920. (FINKELSTEIN; PIASETZKY, 2010, p. 84-88; FINKELSTEIN, 2006, p.171-187).

Gostaríamos de argumentar que essa teoria pode ser aplicada a Judá, que teve desenvolvimento mais tardio, mas quando se trata de Israel Norte se deveria deixar uma interrogação. Ainda que a arqueologia não tenha encontrado escritos chamados complexos que constam ser anterior ao século VIII, não significa que não tivesse existido atividade literária, por exemplo, em Samaria durante o governo dos reis omridas. Dada a estrutura econômica e política de Israel Norte durante os reis omridas, é muito provável que esta prática fosse realidade. Coloco como argumento a estela de Dã, composta pelos escribas do rei Hazael de Damasco, por volta de 840 a.C. (BIRAN; NAVEH, 1995, p. 1-18; KAEFER, 2012). Se os escribas arameus foram capazes de compor tal escrito, por que os escribas omridas não seriam? Outro exemplo é o pequeno reino de Moab, do rei Mesa, que compôs um texto enorme de 24 linhas, conhecido como “Estela de Mesa” (PRITCHARD, 1969, p. 320), também por volta de 840 a.C. Portanto, se uma nação pequena, que foi dominada por Israel durante quarenta anos, foi capaz de compor tamanho texto, por que os seus dominadores, com todo seu potencial econômico e político não seriam? Segundo Israel Finkelstein⁷, é possível que os escribas de Israel Norte utilizassem o pergaminho para escrever. Por ser um material frágil, não resistiu ao tempo e logo se perdeu.

É importante mencionar ainda que a escrita em Canaã já era uma realidade na era do Bronze Tardio. Basta lembrar as centenas de correspondências encontradas em Tel el-Amarna, escritas pelos escribas das cidades-estado, como Gezer e Meguido, aos reis egípcios.

Enfim, gostamos de pensar que é plausível que na primeira metade do século IX, durante o domínio omrida, já circulavam textos sobre as tradições de Saul na corte de Samaria. Esses escritos criaram corpo durante o reinado de Jeroboão II até chegarem às mãos dos escribas Jerusalemitas. É possível que sítios como Samaria, que foi pouco escavado até agora, ainda guarde surpresas sobre esse particular para o futuro.

⁷ Numa conversa particular no Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv.

2.2 1Sm 9,1-13: As jumentas perdidas

A estória das jumentas perdidas é tipicamente uma estória popular do campo, que serve de mediação para narrar as ações de Deus. A montagem da narrativa tem elementos deuteronomistas, como a expressão de 9,2: “do seu ombro para cima”, presente também em 1Sm 10,23b, que é um texto pós-exílico, (2Sm 14,25). Contudo, o enredo traz elementos antigos, como a identificação dos dois personagens principais, Saul e seu pai Cis. Estes nomes, principalmente o de Saul, não podem ser criação Deuteronomista, pois não há razão para um escriba a serviço da corte de Jerusalém criar um personagem ligado a Israel Norte para contar a história do seu povo. O mesmo vale para a identificação da tribo à qual pertencia Saul. O território de Benjamin não pertencia a Judá antes do século VIII a.C., e no tempo da redação, não tinha importância política e econômica (1Sm 9,21). Seu significado “filho do sul” (Gn 35,18), revela a sua localização vista a partir do norte: aquele que está localizado na parte sul do planalto (ALT, 1953, p. 279-284; KAEFER, 2006, p. 2015-221).

O território por onde os dois jovens passam é exageradamente grande para procurar animais desgarrados (v.4-5): a montanha de Efraim, a terra de Salisá, a terra de Saalim, a terra de Jaminita (Benjamin) e a terra de Suf. A menção desses nomes ajuda a demarcar o território do iniciante reino de Saul. A montanha de Efraim é bem conhecida, assim como a terra de Benjamin. Contudo, Salisá, Saalim e Suf, não têm identificação exata. Não há consenso no debate em torno da localização desses lugares. A terra de Salisá não é citada em outra parte da Bíblia. 2Rs 4,42 fala de uma Baal-Salisá, de onde vem um homem trazendo grande quantidade de pão para Eliseu, que a partilhou com toda comunidade. É bem possível que se trate da mesma localidade. Porém, não há pormenores sobre sua localização exata.

A terra de Saalim também só é citada aqui (1Sm 9,4). Quanto à terra de Suf, há só mais uma referência, que se encontra em 1Sm 1,1. Ali diz que “havia um

homem de Ramataim Sofim, da montanha de Efraim. Seu nome era Elcaná, filho de Jorão, filho de Eliú, filho de Tohu, filho de Suf, efrateu”. Seria a cidade natal de Elcaná a mesma Suf aonde chegaram Saul e seu servo (9,5)? Difícil saber. Em todo caso, o que parece certo é que temos aqui é uma antiga tradição que guardou o nome de três lugares no território de Benjamin, ao sul da montanha de Efraim. O fato de não mencionar cidades tradicionais como Siquém, Hai, Silo, e a posterior Samaria, parece dar veracidade a esta afirmação (FINKELSTEIN, 2006, p. 172; FINKELSTEIN; MAGEN, 1993). A localização exata desses lugares se perdeu. Contudo, a informação é suficiente para uma delimitação aproximada da região onde vivia Saul e seu clã, e onde operava o reino saulida.

A forma “vidente” (*rō’eh*) para se referir ao “homem de Deus” (*’iš-’ēlōhîm*) é outro indício da antiguidade da memória que o texto preserva. O comentário do v. 9 “antigamente em Israel assim dizia o homem quando ia consultar a Deus: iremos ao vidente, em vez de profeta, como se diz hoje em dia. Antes era chamado vidente” parece dar veracidade a esta hipótese. Por se tratar de um comentário, é evidente que o v. 9, que na narrativa ficaria melhor depois do v. 11, pois é onde por vez primeira se menciona o vidente, é posterior ao texto mais antigo, e provavelmente obra do redator deuteronomista. Temos, portanto, três formas que podem revelar a evolução do próprio texto: “vidente” (*rō’eh*), “homem de Deus” (*’iš-’ēlōhîm*) e “profeta” (*nābî*).

Nos v.11-13, os dois jovens se dirigem para a cidade, cujo nome não é revelado ou se perdeu (v. 6.10.11.14). O verbo subir (*’lh*), repetido cinco vezes (v.10.13.14), caracteriza o lugar onde atua o vidente: “lugar alto” ou só “alto” (*bāmāh*), santuário que comumente ficava situado numa colina, fora da cidade (v. 13 e 14).⁸ Curiosamente esses locais de culto foram proibidos pelo deuteronomista (2Rs 22-23; Dt 12,2-3), o que parece confirmar que o que aqui temos é anterior a essa proibição. Assim também a repetição da expressão *zēbah* (sacrifício) (v. 12 e

⁸ Veja opinião contrária em FRIED, L. S. *The High Places (BĀMŌT) and the Reforms of Hezekiah and Josiah: an Archaeological Investigation*. *Journal of the American Oriental Society*, 122 (3). Michigan: 2002, p. 437-465, onde a autora busca mostrar que as *bamot* têm sua origem na cidade.

13), que é uma forma antiga para se referir ao ritual do “sacrifício” praticado nas aldeias. Portanto, também os v. 11-13 indicam ser remanescentes da história pré-deuteronomista.

Em suma, exceto o v. 9, é provável que todo o conjunto dos v. 1-13 faça parte da memória mais antiga do texto. Temos aqui, portanto, um dos maiores blocos do livro de Primeiro Samuel que remetem à tradição de Saul.

2.3 1Sm 9,14-27: Encontro com o Samuel

A partir do v. 14 entra em cena o profeta Samuel. Tudo indica que Samuel seja um personagem tardio, incluído pelo redator deuteronomista (RÖMER, 2015, p. 305-315; KAISER, 2010, p. 528). Num primeiro momento, porque, através de Samuel, a monarquia é querida e legitimada por Javé, como é o caso aqui, Samuel é enviado por Javé para ungir a Saul (v.16). Num segundo momento, porque Javé, por meio de Samuel, é contrário à monarquia (1Sm 8; 10,18-19a; 12). O Samuel contrário à monarquia provavelmente é obra do redator exílico e pós-exílico, cuja teologia culpava a monarquia pelo desastre do exílio. Para o redator deuteronomista, Samuel é um *nābî* “profeta”, para o redator pós-exílico, Samuel é um *kōhēn* “sacerdote”. É bem provável que na história original, Samuel não fizesse parte da narrativa do encontro de Saul com o vidente. Ao reescrever a história, o redator deuteronomista substituiu o vidente original por Samuel e a identidade daquele se perdeu.⁹

A narrativa segue um tanto confusa, o que provavelmente indica de que o texto original foi alterado e nele incluídos novos elementos, como a visão de Samuel (v. 15-17), a referência ao clamor do povo (v. 16; Ex 3,7) e a resposta de Saul (v. 21). Nesse mesmo modo se encontram os v. 25-27, que introduzem a unção de Saul. Parece evidente que aqui ocorreu uma sobreposição redacional. Não há necessidade de Samuel se dirigir duas vezes a Saul no terraço (v.25b e 26b) e sair

⁹ Para posições contrárias veja NA'AMAN, 1992, p. 640-642.

duas vezes da cidade (v. 26c e 27a). Enfim, toda unidade 9,14-27 tem fortes traços deuteronomistas.

Contudo, o ritual do “sacrifício” (*zebah*) no “alto” (*bāmāh*), em torno do qual a narrativa foi montada e no qual uma “porção especial” (*mānāh*) é reservada para Saul, é provavelmente parte da história original. Assim também a menção às “jumentas” (*’ātōnôt*), v. 20, e o termo “vidente” que reaparece nos v. 18 e 19. Ou seja, de antigo ficou somente a base, mas a construção é totalmente nova.

2.4 1Sm 10,1-16: A volta de Saul

A unidade 10,1-16 também contém material antigo. O v. 1 que relata a unção de Samuel provavelmente é deuteronomista. Porém, os v. 2-7, que retomam o tema das jumentas perdidas e mencionam localidades da região de Benjamin (Jr 31,15), são provavelmente pré-deuteronomistas. Novamente temos menção a lugares antigos, como Selsá que só aparece aqui (v. 2) e Gibéa de Elohim, onde se encontram as guarnições dos filisteus (v. 5; 13,3), e que veremos mais adiante. Também os v. 14-16a, que tratam do assunto das jumentas, excetuando a referência a Samuel (14c e 15b), que deve ter sido inserido no lugar do vidente anônimo. Diferentemente dos v. 6b.8-13, que relatam a “previsão” do profeta Samuel sobre o transe de Saul ao encontrar os profetas de Gibéa, e que tem o propósito de afetar a imagem de Saul. A referência a Gilgal (v. 8), como local da sagração de Saul (11,15), é provavelmente uma adição deuteronomista, assim como Masfa (10,17) será do redator exílico. É curioso que quem interroga Saul a respeito das jumentas é seu tio (v. 14), e não seu pai (9,3), como era de se esperar. É possível que se guarde aqui um costume da importância do tio nas relações familiares do mundo tribal.

Portanto, os v. 2-6a.7.14a.14b.15a.16a representam ser pré-deuteronomistas. Enquanto que os v. 1.6b.8-13.14c.15b.16b são acréscimos.¹⁰

2.5 1Sm 10,17-27: Eleição em Masfa

A unidade 10,17-27 é provavelmente toda ela exílica ou pós-exílica. Esta narrativa parece desconhecer a unção de Saul que ocorreu num encontro isolado com Samuel em 10,1. Aqui a eleição de Saul é feita por sorteio (v. 20.21), diferente também de 1Sm 11,12-15, onde ela acontecerá por aclamação popular, depois da vitória sobre os amonitas. Além disso, há uma ênfase na presença de todas as tribos de Israel (v. 18) e o local é Masfa (v. 17) e não Gilgal, como em 11,15. Masfa, cerca de dez km ao norte de Jerusalém, identificada hoje como Tell el-Nabesh (FINKELSTEIN, 2013, p. 38) foi o centro do governo de Godolias, depois da destruição de Jerusalém em 587 a. C. (Jr 40,1-15; 41; Jz 20,1-3; 21,1-8; 2Rs 25,23-25). Portanto, a substituição de Masfa por Gilgal sugere que estamos no período do exílio e pós-exílio.

Pelo conteúdo, 10,17-27 é continuação literal de 7,2-8,22 (KAISER, 2010, p. 528). Também lá a reunião foi em Masfa e a expressão “constitui sobre nós um rei” (v. 19) é a mesma que desagradou Samuel em 8,5.6. Lá o povo pede um rei e aqui Samuel lho concede. Inclusive, Samuel repete ao povo o direito do rei, já informado lá (8,11; 10,25). Também aqui, como lá, Javé é contra a monarquia, posição própria da teologia exílica e pós-exílica. A continuação de 10,17-26 se dará em 12,1-25. Portanto, aqui temos uma prova literária da unidade independente de 1Sm 9,1-(10,17-26;12)14,52. Um resquício da versão deuteronomista desta unidade (10,17-26) parece ter ficado no v. 27, que despreza a atitude daqueles que são contrários à eleição do rei. Ou seja, de 1Sm 10, os versos que retratam a memória antiga de

¹⁰ Para T. N. D. Mettinger (1976, p. 64-68), somente os v. 7bβ-9a são acréscimos. Nadav Na’aman (1992, p. 641) é da opinião de que só o v. 6b foi inserido mais tarde, assim como os v. 10-12. Para Na’aman, a história antiga em 1Sm 10 deve ser buscada nos v. 2-6a.7.9-10a.14-16a. O Dtr teria inserido na história o *mashal* nos v. 10b-13 e v. 1.5aβ.6b.8.16b.

Israel Norte são: 2-6a.7.14-16a. 27. Os demais, v. 1.6b.8-13.16b-26, são obra de escribas judaítas.

2.6 1Sm 11,1-15: Guerra contra os amonitas

Nos manuscritos de Qumrã (4QSm^a), foram encontrados acréscimos em algumas partes do livro de Primeiro Samuel. Um deles se encontra em 1Sm 11 e outro acréscimo longo se encontra em 1Sm 15-17, que relata a história de Davi e Golias (JOHNSON, 2012, p. 534-549). Contudo, o texto massorético, que é mais breve, tem prevalecido sobre o de Qumrã (NAAMAN, 1992, p. 643).

A sobrevivência contra o assédio dos povos vizinhos deve ter sido a causa mais provável para a organização e formação de uma entidade de resistência nas montanhas centrais de Benjamin, que mais tarde passou ser chamada de Israel. Portanto, é possível que a luta contra os amonitas seja a base do surgimento da liderança de Saul e a posterior monarquia saulida. A partir disso, é plausível argumentar que talvez tenhamos em 1Sm 11 a tradição mais antiga da sagração de Saul.

Jabes de Gilead (v.1.5.9), que é o pivô do conflito, fica do outro lado do rio Jordão, um pouco acima de Tisbe, cidade natal do profeta Elias (1Rs 17,1).¹¹ Portanto, em relação ao território de Benjamin, Jabes de Gilead está situada um tanto mais ao norte (Jz 21,8-14). É uma terra muito rica em agricultura e pecuária¹², pois as chuvas vindas do fértil Vale de Jezreel ainda alcançam atingir esta área (KAEFER, 2006, p. 164-173). Diferentemente do sul da Transjordânia, que se desenvolveu bem mais tarde, o norte, pela abundância de água e consequente fertilidade do solo, registra assentamentos desde o período do Bronze Antigo. Um exemplo de ocupação remota nessa região é Pella, um sítio bem

¹¹ Para uma abordagem atualizada da localização das cidades e sítios arqueológicos da região de Gilead, veja FINKELSTEIN, I.; KOCH, I.; LIPSCHITS, 2012, p. 131-159.

¹² O texto se refere três vezes a Saul como criador de gado (v. 5 e 7). O substantivo *bāqār*, que as Bíblias costumam traduzir aqui por “bois”, é genérico, podendo se referir tanto a bois como a vacas.

próximo e situado no mesmo plano de Jabes de Gilead (KAEFER, 2016). Os amonitas ocupavam a área mais ao sul da Transjordânia, um território mais inóspito, e que começou a se desenvolver lentamente somente por esse período, séculos X-IX (FINKELSTEIN, 2012, p. 131-159). Pelo contexto bíblico (Jz 11), o centro do território amonita ficava na região onde está hoje a moderna Amã, capital da Jordânia.

Jabes de Gilead terá uma identificação muito grande com o reinado de Saul (1Sm 31,11-13), o que leva a supor que, de fato, 1Sm 11 seja o registro de uma memória de que o iniciante reino saulida, não podendo se estender às regiões férteis das planícies do oeste e do norte, controlados pelos egípcios e pelos filisteus, se estendeu para os altiplanos do leste e do sul. Só que ali, no leste, entrou em conflito com os interesses amonitas. Mas esses eram adversários menos belicosos que os filisteus e egípcios. Mais tarde, o embate se estenderá para o nordeste, em direção a Damasco. Ou seja, a tradição guardou a memória de que a disputa pelo controle do território de Jabes de Gilead com os amonitas teria sido o elemento decisivo para o surgimento da monarquia saulida.

Outra localidade mencionada pelo texto é Gibeá de Saul (v. 4), identificada como sendo Tell el-Ful, localizada no topo do monte do mesmo nome (ALBRIGHT, 1994, p. 28-43; NA'AMAN, 1992, p. 650; SCHNIEDEWIND, 2006, p. 722).¹³ Gibeá de Saul deve ter sido a cidade ou aldeia da família de Saul (1Sm 15,34). Assim parece indicar 1Sm 10,10-16, onde se encontra a forma abreviada da cidade/aldeia “Gibeá”, e para onde Saul retorna após executar a tarefa de procurar pelas jumentas a que fora incumbido por seu pai. A presença no local do tio e de conhecidos de longa data parece confirmar esta hipótese. Gibeá de Saul seria, portanto, o centro do reino de Saul. Mais adiante se verá outras cidades/aldeias nas montanhas de Benjamin que conformaram esta unidade.

¹³ Para o histórico da identificação de Gibeá de Saul com Tell el-Ful, ver: SCHNIEDEWIND, William. The Search of Gibeah: Notes on the Historical Geography of Central Benjamin. MAEIR, A. M.; MIROSCHEDJI, P. (orgs.). “I Will Speak the Riddles of Ancient Times” Archaeological and Historical Studies in Honor of Amihai Mazar. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006, p. 711-722. Para opinião contrária, veja Finkelstein (2013, p. 52).

No v. 8b, a expressão “filhos de Israel”, o exagerado número dos soldados e a inclusão de Judá na narrativa é uma clara interferência da mão deuteronomista. Dos v. 12-15, possivelmente só os v. 12b-13 sejam remanescente da antiga memória. A alusão a Samuel e a Gilgal, como local do início da realeza de Saul, é deuteronomista. O mesmo podemos encontrar em Os 9,15 e Am 4,4; 5,5, onde Gilgal é mencionada, junto com Betel, como local de iniquidade (1Sm 13,7-15;15,12s.). Isso leva a supor de que a Gilgal que aqui se trata é a que fica ao norte de Betel, cerca de 11 km (2Rs 2,1-5). Por conseguinte, diferente da Gilgal que fica a 2 km de Jericó e perto do rio Jordão (Js 4,19; 5,9; 2Sm 19,16s.).

Temos, assim, três diferentes tradições sobre a eleição de Saul: em 10,1 Saul é ungido “chefe” (*nāgîd*) por Samuel num local não identificado; em 10,17-24 Saul é eleito rei por sorteio em Masfa; e em 11,12-15 Saul é proclamado rei pelo povo em Gilgal, após a vitória contra os amonitas. Provavelmente a última é parte da história original. Unicamente que o local foi mudado para Gilgal.

Em suma, à exceção dos v. 8b.12a.14-15, todo 1Sm 11 é fonte de memória da tradição pré-deuteronomista.

2.7 1Sm 13,1-23a: Guerra contra os filisteus

Depois de 1Sm 11, é provável que a antiga camada redacional que conservou a tradição sobre Saul continue em 13,1. Isso porque todo o cap. 12, onde Samuel atua como grande juiz de Javé, que exorta o povo a se desfazer dos ídolos e a temer somente a Javé, é produção pós-exílica. Por sua vez, 1Sm 12 é continuidade do discurso presente em 1Sm 7,2-8,22 e 10,17-27. É possível que o redator final tenha estabelecido o cap. 12 como o centro para onde converge toda unidade (1Sm 7,2-15,35).

O v.1 deixa dúvidas sobre o tempo do reinado de Saul, pois o número que indica os anos em que Saul teria reinado foi corrompido ou mudado. Literalmente o verso diz: “Filho de (um) ano (era) Saul em seu reinado. E dois anos reinou sobre

Israel”. É impossível pensar que Saul tivesse um ano quando começou a reinar e que tivesse reinado só dois anos. Não teria como em dois anos realizar tudo o que 1Sm 14,47-50 diz ter feito. Em geral se tem optado por traduzir o tempo do reinado em vinte anos, seguindo a informação de Atos dos Apóstolos (13,21) e de Flávio Josefus (Antiquities 10,143) ou em 40 anos, conforme outra informação de Flávio Josefus (Antiquities 6,378). Ou ainda, que dois anos seja um número simbólico (GILMOURA e YOUNG, 2013, p. 150-154). Em todo caso, é possível que o verso seja o que restou de informações mais precisas que se perderam.

Assim como o cap. 11, os caps. 13 e 14 parecem conservar a memória antiga de uma guerra. Lá era com os amonitas e aqui com os Filisteus. Lá era em Jabes de Gilead e aqui nas montanhas de Benjamin, nas terras de Saul. Se essa hipótese confere, então o iniciante reino sob a liderança de Saul já estaria em condições de ameaçar os interesses do poderoso exército filisteu, cujo domínio se estendia por toda a planície até a costa do Mediterrâneo. Ou seja, aqui já estaríamos num estágio mais avançado, onde o reino saulida já é um poder constituído. Conforme dados arqueológicos, e assim o indicam também as referências bíblicas, o centro do poder filisteu se encontrava na cidade de Gat.

O texto bíblico traz informações controversas, como por exemplo, o autor do ataque à guarnição dos filisteus e o número de soldados a serviço de Saul. No v. 3 a notícia é de que Jônatan, mencionado por primeira vez na narrativa, atacou a guarnição dos filisteus, e no v. 4 de que foi Saul. Algumas Bíblias optam por traduzir o substantivo *nšîb* (guarnição) por “prefeito” ou “príncipe”¹⁴, de forma que, Jônatan ou Saul teria matado um prefeito ou príncipe filisteu. Em todo caso, pela informação do texto, os filisteus tinham uma guarnição em Gebá (v.3). Será essa Gebá a mesma Gibeá de Benjamin (v.2) e a Gibeá de Saul de 1Sm 11,4 e ainda a Gibeá de 1Sm 10,10, que dizíamos ser a cidade e capital de Saul? É difícil saber. Soma-se a estas ainda outra cidade aparentada, que é Gibeá de Elohim (10,5; 2Sm 21,6.9), que para Na’aman (1992, p. 651) é onde se encontrava a arca de Deus (1Sm

¹⁴ Por exemplo, “Bíblia de Jerusalém”, edição 1998, e “Bíblia Tradução Ecumênica”, edição 1988.

14,18). Entendemos que a Gebá aqui (1Sm 13,2) e a Gibeá de Elohim de 10,5 são a mesma cidade, uma vez que ambas se encontram ocupadas pelos filisteus. Com o adicional de que lá faz menção a uma *bāmāh* (lugar alto) importante, onde havia uma comunidade de profetas (10,10-13).

Por fim, temos ainda outra cidade aparentada, que é Gibeon, onde, conforme 2Sm 2,8-28, aconteceu a batalha definitiva entre Israel e Judá, sob o comando de Isbaal, filho de Saul, levada a cabo junto ao açude de Gibeon (Jr 41,12; Js 10,1-2; 18,25; 21,17). Para Finkelstein (2013, p. 52), não resta dúvida de que Gibeon é El-Jib, a dez km ao norte de Jerusalém. Para ele, é possível que Gibeon tenha sido o centro do reino de Saul.

Em síntese, o que se apresenta aqui é um problema geográfico e linguístico (SCHNIEDEWIND, 2011, p.711), que com o passar do tempo e as recopilações, tornou-se obscuro e difícil de reconstituir. Os diversos nomes têm em comum a raiz *gb'* (montanha), e é possível que na prática se trate somente de três localidades/cidades: Gibeá (*gib'ah*), Gebá (*geba'*) e Gibeon (*gib'ôn*), que provavelmente fazem parte da história original (NA'AMAN, 1992, p. 649). Esses sítios delimitam, pois, a área onde nasceu o futuro reino de Israel. Finkelstein e Magen (1993) chamam esta região de “Platô Gibeon-Betel”, uma área de cerca de 20 x 15 km, que concentrava aproximadamente 30 cidades/aldeias. Todos os sítios se encontravam localizados na região montanhosa de Benjamin, daí a origem do seu nome: “montanha” (*gb'*). O texto preservou a característica do nascente reino do futuro Israel, seu modo de ser, de se organizar e de se defender, próprio da montanha. Não seria errado denominá-lo de: o reino da montanha.

Pelas informações de 1Sm 13, este reino entrou em conflito com o poder dominante na região, os filisteus, que ocuparam o território saulida e estabeleceram uma guarnição em uma de suas principais cidades (v. 3).¹⁵ Segundo

¹⁵ Israel Finkelstein é da opinião de que os filisteus não teriam poderio suficiente para estabelecer uma guarnição na região montanhosa controlada pelos saulidas. Para Finkelstein tratar-se-ia bem mais do exército egípcio (2013, p. 59-61).

o texto, no confronto os filisteus se estavam concentrados em Micmas (v. 5), a leste de Bet Aven (Betel), local onde atualmente se encontra o vilarejo de Mukhmas.

Para Otto Kaiser (2011, p. 2) o ataque de Jônatan teria sido a base original sobre a qual toda a narrativa de 1Sm 13-14 foi construída. Isso é possível, uma vez que os versos que se referem a Saul como agente principal do ataque trazem expressões deuteronomistas, como “hebreus”, “todo Israel” e “Gilgal” (v. 3-4). Essa disputa entre “pai e filho” é uma intriga criada pelo redator deuteronomista para incriminar Saul em benefício a Davi e sua dinastia, e que irá perpassar toda narrativa até 2Sm.

Outra informação controversa é sobre o número de soldados envolvidos na luta dos dois lados. O número de três mil soldados (v. 2) a serviço de Saul e Jônatan, contra um exército de mais de 30 mil homens (v. 5) é irreal. O que não quer dizer que elevar exageradamente o número dos soldados inimigos em vista de maior glória já não fosse um costume antigo. Em contrapartida, os v. 13,15c e 14,2 falam de “600 homens” que seguiram Saul, o que parece mais condizente com a realidade.

O assunto dos v. 6 e 7 aparenta estar desconexo do precedente. Contudo, parece ser o que restou da narrativa mais antiga de uma batalha que foi desfavorável ao exército de Saul, e que sofreu interferência da mão deuteronomista.¹⁶ A chave está na tradução do verbo *ngś*, um nifal, comumente traduzido aqui por “estar apertado”, mas que também pode significar “estar exausto”, como em 14,24, ou ainda “ser/estar oprimido”, como é usado em Ex 3,7 para falar da opressão do povo no Egito. Esta última parece ser a melhor tradução neste caso. Portanto, a situação não é que os israelitas “estivessem apertados” porque se encontravam muito próximos uns dos outros (v. 6), mas estavam oprimidos (*ngś*) e “aflitos” (*šrr*) por causa do confronto com os filisteus e

¹⁶ Que pode ser percebida nas expressões “Israel” e “hebreus. Diferentemente de Otto Kaiser (2011, p. 2), que afirma que o v. 7a é tardio porque aqui israelitas e hebreus seriam idênticos. O texto não dá margem para essa interpretação. Veja comentário a 1Sm 14,15 abaixo.

consequente derrota. Por isso a ação de se refugiar em “cavernas” (*m^eārôt*), “buracos” (*hāvāhîm*), “penhascos” (*s^elāîm*), “covas” (*š^rihîm*) e “poços” (*bōrôt*). São muitos sinônimos para descrever uma ação desesperadora. Outros ainda cruzaram o Jordão e se refugiaram no território de Gad e Gilead, o que confirma a situação desfavorável ao exército saulida.

Enfim, é possível considerar como históricas as informações sobre os anos do reinado de Saul (v. 1a), os locais do combate, Micmas e Gibeá de Saul (v. 2.5), o ataque de Jônatan à guarnição filisteia (v. 3a) e ação dos homens de Israel de se esconder nas cavernas ou em qualquer buraco (v. 6). Portanto, a nosso ver, quase a totalidade dos v. 1-7a guarda memória histórica. A exceção são os versos: 1b.3b-4.

O conjunto dos v. 7b-15a são em sua totalidade deuteronomistas ou pós-deuteronomistas. Aqui retorna a figura de Samuel e Saul é censurado por fazer as vezes de sacerdote oferecendo um “holocausto” (*ōlāh*) a Javé (2Sm 6,12-18; 1Rs 8,62-64; 9,25). Por isso Javé tirará o reino de suas mãos e o entregará a outro “segundo o coração dele” (v.14).

A partir dos v.15b-23 novamente se encontra o conteúdo da história original. É provável que o v.15b seja continuidade do v.7a. e que tratem da mesma batalha. Os lugares são os mesmos: Gaba de Benjamin e Micmas. Os v. 17-18 e 23 abordam o mesmo assunto: a divisão em quatro unidades do exército filisteu, que irá atacar a tropa saulida nas montanhas de Benjamin. A batalha aqui narrada seria contra uma dessas unidades, a que estava assentada em Micmas (v. 23). Os v. 19-22 tratam de um assunto interessante, que se encaixaria bem no contexto da diferença social e econômica que existia entre os dois povos da época, mas são provavelmente tardios. Assim também Na’aman (1992, p. 647) e Kaiser (2011, p. 2-3). O conhecimento da alta tecnologia, como o domínio da arte do ferro, é compatível com a realidade filisteia. Assim como a carência de ferramentas e de armas para o povo das montanhas. Porém, o registro até do custo do conserto das ferramentas compromete a redação. O v. 23 é remanescente da narrativa que foi interrompida no v. 18.

Em resumo, os versos onde se encontra a história antiga em 1Sm 13 são: 1a.2-3a.5-7a.15b-18.23.

2. 8 1Sm 14,1-23a: Ataque à guarnição filisteia

1Sm 14 continua a narrativa da batalha contra os filisteus iniciada em 1Sm 13. Aqui é narrado com detalhes o ataque de Jônatan à guarnição filisteia mencionado lá, além dos fatos consequentes. Três camadas redacionais se alternam em praticamente todo capítulo, que também podem ser percebidas já na narrativa da unidade anterior. Uma, que indica ser a mais antiga, onde o protagonismo é de Jônatan que ataca uma guarnição filisteia. Esta representa ser a memória da história original e que deu base ao texto. Outra, onde Saul assume o protagonismo, que é acrescentada à história original na hora da composição e compilação deuteronomista. A terceira está relacionada à narrativa que envolve a arca, o sacerdote Aías, à quebra do juramento e o ritual de sangue, que se caracteriza ser pós-exílica.

Os v. 1-2, que tratam do início da proeza de Jônatan e da ação secundária de Saul sob a romãzeira com 600 homens, são antigos. Migrón, conforme Is 10,28, fica junto a Micmas, no limite de Gibeá. Já o v. 3a, que menciona a presença do sacerdote Aías, é pós-exílico. Não assim o v. 3b, que no início era continuação do v. 2.

Todos os v. 4-17 retratam a memória mais antiga do texto. A exceção é o v. 6, que faz menção aos “incircuncisos” e que é claramente uma expressão pós-exílica. É provável que também a expressão “porque os entregou Javé em nossas mãos”, presente no v. 10b e semelhante nos v. 12c e 23a, seja inclusão pós-exílica. Essa mesma mão pode ser vista no v. 3.

A descrição detalhada da localização das duas forças em combate nos v. 4-5 é cinematográfica. As peculiaridades geográficas da narrativa conferem plausibilidade histórica ao relato.

Os v.18-19, que tratam da arca e do sacerdote Aías, são inclusão pos-exílica. A interrupção inoportuna denuncia a inclusão. No momento mais importante e urgente, no qual Saul tem a chance de atacar o inimigo aproveitando a confusão que se instalara no acampamento filisteu e assim fazer pender a balança da batalha a seu favor, eis que entra o redator pós-exílico: “espera aí, primeiro vamos consultar a arca de Deus”.

Os v. 20-23a novamente remetem à história original. A exceção é o v. 23a, que dá a vitória a Javé. O elemento surpresa aparenta ser o triunfo do feito de Jônatan e do exército saulida. Contudo, um componente que quase passa despercebido na narrativa, e que Otto Kaiser (2011, p. 2) interpreta como sendo tardio, mas que a nosso entender faz parte da memória da história original, é a presença dos hebreus entre as tropas filisteias e que na hora do combate se voltam contra os seus empregadores e a favor dos israelitas (v. 22). Quando os filisteus se referem aos israelitas os identificam como hebreus (v. 11), que é um termo pejorativo: desprezível, pobre, sujo e marginalizado (Gn 39,14-17; 41,12; 43,32). O fato de os israelitas serem considerados hebreus e de haverem hebreus a serviço dos filisteus mostra que nem todos os hebreus eram israelitas, ainda que todos os israelitas, antes saulidas, fossem considerados hebreus. Portanto, podendo-se falar de fatos verídicos, a presença ou infiltração de hebreus entre as tropas filisteias, que na hora do combate se voltaram contra seus superiores, foi a estratégia que levou o exército saulida à vitória. Soma-se a isso o fato de que um triunfo encoraja outros grupos emboscados nas montanhas a aderirem à luta (v. 22). Na guerra de montanhas, o nativo tem a seu favor a estratégia das emboscadas, uma vez que conhece bem o seu habitat. De maneira que, é difícil um exército forasteiro triunfar nas montanhas. Destarte, é possível que realmente os filisteus tenham sido derrotados pelos saulidas. Ganhar uma batalha não significa vencer a guerra, mas é provável que os filisteus tenham sido expulsos das montanhas de Gibeá pelos saulidas, pelo menos num primeiro momento.

Portanto, os versos onde a antiga memória deve ser buscada são: v.1-2.3b. 4-5.7-10a.10c-12b.13-17.20-22.

2.9 1Sm 14,23b-52: Expulsão dos filisteus

A partir do v. 23b temos poucos elementos que remetem à memória antiga do texto. A grande maioria é uma mistura das redações deuteronomista e pós-exílica. Os v. 23b-31a acrescentam um complemento à batalha que é difícil identificar sua natureza. Para Na'aman (1992, p. 647) são pré-Dtr, não assim para Kaiser (2011, p. 4). O v. 23b registra até onde os filisteus teriam sido perseguidos, Bet Aven (Betel). Essa informação pode ajudar a identificar o território controlado pelos saulidas. Assim também o v. 31a. A exigência de Saul (v. 24) é perfeitamente compreensível durante uma batalha. O fato, porém, é utilizado para incriminar Jônatan, o que aparenta ser uma tentativa deuteronomista de desmerecer Saul, colocando-o contra Jônatan e contra o povo (v. 43-45). Contribui para esta interpretação a dupla redação na menção ao mel (*d^ebaš*) nos v. 25-26, alimento altamente tentador, especialmente depois de um dia de luta, o que parece pretender diminuir o peso da culpa (v. 43-45).

O v. 31a parece ser resquício de uma informação antiga, até onde os filisteus teriam sido perseguidos na direção do ocidente. Ayalon é um vale fértil a 15 km a oeste de Gibeón (Js 10,10-14; 19,42). Novamente é difícil saber se o reino saulida tivesse todo esse poder de empurrar os filisteus até a costa do mar. Em todo caso, a planície continuou sendo controlada pelos filisteus, não assim as montanhas. Os versos seguintes (31b-35), onde acontece a transgressão ao ritual de não comer com sangue, são tardios, pós-exílicos. Assim também o v. 36c, onde novamente intervém o sacerdote.

Os v. 36a.37-45 são continuação dos v. 23b-31a. Aqui acontece o julgamento à transgressão cometida lá. Portanto, indicam ser deuteronomistas. O v. 46 é o encerramento da camada mais antiga.

Os v.47-52 são um resumo do reinado de Saul a partir do relato de 1Sm 16-2Sm 20. Por isso, provavelmente são redação deuteronomista. Contudo, a avaliação positiva dos v. 47-51 deixa uma interrogação no ar.

Portanto, os únicos versos da unidade 14,23b-52 que podemos afirmar com relativa segurança serem antigos são: v. 23b.31a.46. Os demais são deuteronomistas ou pós-exílicos, com a predominância dos primeiros. Com isso dizemos que o seu conteúdo tem forte tendência anti-Saul, cujo objetivo é apresentar o rei benjaminita como homem abandonado por Javé. Essa tendência aumentará no decorrer da narrativa dos livros de Samuel, quando Davi entrar no cenário.

Conclusão

No estudo de 1Sm 9-(12)14 encontramos três histórias que fazem parte da memória que remete aos princípios do reino saulida: a história das jumentas perdidas (1Sm 9-10), a guerra contra os amonitas e posterior proclamação de Saul como rei (1Sm 11), e a batalha contra os filisteus e sua expulsão das montanhas de Gibeá (1Sm 13-14). Os versos que preservam esta memória mais antiga em toda unidade são: 9,1-8.10-13; 10,2-6a.7.14-16a.27; 11,1-8a.9-11.12b-13; 13,1a.2-3a.5-7a.15b-18.23; 14,1-2.3b. 4-5.7-10a.10c-12b.13-17.20-22.23b.31a.46. As redações e compilações posteriores modificaram o conteúdo com vários adendos. De forma que é possível distinguir pelo menos três níveis redacionais. A primeira, mais antiga, que é chamada de pré-Dtr, e que traz as memórias do princípio do reino saulida. A segunda, denominada de Deuteronomista histórica (Dtr), que remete a Judá, no final do século VIII ou final do século VII, com tendências à segunda hipótese. E a terceira, que é oriunda do período exílico e ou pós-exílico, também em Judá.

Quando estas histórias/tradições foram postas por escrito por primeira vez é difícil saber. O que nos parece certo é que sua primeira redação aconteceu em Israel Norte e não em Judá. Talvez durante o reinado dos reis omridas em Samaria (884-842), apesar de que até hoje não se ter encontrado provas da existência de atividade literária em Israel já nesse tempo. Se não durante os omridas, então,

durante o reinado de Jeroboão II (788-747). Contudo, é importante reafirmar, que a memória guardou a tradição que remete aos tempos de Saul (950-920).

A referência mais consistente em termos históricos nos versos elencados são os nomes das cidades/aldeias que dão a localização onde o reino saulida se formou. São diversas localidades aparentadas morfológicamente: Gibeá de Saul, Gibeá de Benjamin, Gibeá de Elohim, Gebá e Gibeon. Todas se encontram no território de Benjamin e todas têm em comum a raiz *gb'* (montanha), o que caracteriza sua identidade de “reino da montanha”. Tem ainda outras cidades que delineiam o entorno do nascente reino, como Salisá, Saalim e Suf, cuja localização exata se perdeu, Betel e Micmas. Num segundo momento, conforme o texto dá a entender, o reino saulida se estendeu: para o leste, na direção de Jabes de Gilead, no além Jordão; para o norte, em direção à montanha de Efraim, beirando o Vale de Jezreel; para o oeste, direção para onde a expansão foi menor, por estarem ali os filisteus e os egípcios, talvez até perto do Vale de Ayalon; para o sul não há informações, mas é provável que Saul também tenha estendido seu domínio sobre Jerusalém. Mas, isso é assunto para um próximo estudo.

REFERÊNCIAS

- ALBRIGHT, W. F. **Excavations and results at Tell el-Ful** (Gibeah of Saul). AASOR 4. New Haven: American Schools of Oriental Research, 1924, p. 28-43.
- ALT, A. **Kleine Schrifte zur Geschichte des Volkes Israel**. München: C.H. Beck, 1953, p. 279-284.
- BIRAN, Avraham, NAVEH, Joseph. The Tel Dan inscription: a new fragment. **Israel Exploration Journal**, Jerusalem, v.45, n.1, p. 1-18, 1995.
- EDENBURG, C.; PAKKALA, J. (eds). **Is Samuel among the Deuteronomists?** Current Views on the Place of Samuel in a Deuteronomistic History. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013.
- DIETRICH, J. L.; NAKANOSE, S.; OROFINO, F. **Primeiro livro de Samuel: Pedir um rei foi nosso maior pecado**. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1999.
- FINKESLSTEIN, I. Geographical and Historical Realities behind the Earliest Layer in the David Story. **Scandinavian Journal of the Old Testament**, Copenhagen, v.27, n.2, p. 131-150, 2013.

FINKESLSTEIN, I. Saul Benjamin and the Emergence of 'Biblical Israel': An Alternative View. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, Berlin, v.123, n.3, p. 348-367, 2011.

FINKESLSTEIN, I. **The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts**. New York: The Free Press, 2001.

FINKESLSTEIN, I. **The Forgotten Kingdom: The Archaeology and History of Northern Israel**. Atlanta: SBL, 2013.

FINKESLSTEIN, I. The Last Labayu: King Saul and the Expansion of the First North Israelite Territorial Entity. AMIT, Y.; BEN ZVI, E.; FINKELSTEIN, I. ; LIPSCHITS, O. (orgs.). **Essays on Ancient Israel in its Near Eastern Context, A Tribute to Nadav Na'aman**. Wininona Lake: Eisenbrauns, 2006, p. 171-187.

FINKESLSTEIN, I.; MAGEN, Y. **Archaeological Survey of the Hill Country of Benjamin**. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 1993.

FINKELSTEIN, I.; KOCH, I; LIPSCHITS, O. The Biblical Gilead: Observations on Identifications, Geographic Divisions and Territorial History. **Ugarit Forschungen**, Münster, v.43, p. 131-159, 2012.

FINKELSTEIN, I.; PIASETZKY, E. Khirbet Qeiyafa: Absolute Chronology. **Tel Aviv University**, Tel Aviv, v. 37, p. 84-88, 2010.

FRANKEN, H. J. **The excavations at Deir Alla in Jordan**. Leiden: Brill, 1960, p. 386-393.

FRIED, L. S. The High Places (BĀMÔT) and the Reforms of Hezekiah and Josiah: an Archaeological Investigation. **Jornal of the American Oriental Society**, Michigan, v.122, n.3, p. 437-465, 2002.

GILMOURA, R. e YOUNG, I. Saul's Two Year Reign in 1 Samuel 13:1. **Vetus Testamentum**, v. 63, n.1 Leiden, p. 150-154, 2013.

HARRIS, H. Albright's Identification of Gibeah with Tell El-Ful. **Palestine Exploration Quarterly**, London, v.146, p. 17-30, 2014.

JOHNSON, B. J. M. Reconsidering 4QSam^a and the Textual Support for the Long and Short Versions of the David and Goliath Story. **Vetus Testamentum**, Leiden, v.62, p. 534-549, 2012.

KAEFER, José Ademar. **A arqueologia e os novos paradigmas bíblicos**. Caminhos. Goiânia: PUC-GO, 2016.

KAEFER, José Ademar. **A Estela de Dã**. Caminhando, 17, n. 2. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012, p. 33-46.

KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das Terras da Bíblia I**. São Paulo: Paulus, 2012.

KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das Terras da Bíblia II**. São Paulo: Paulus, 2016.

KAEFER, José Ademar. **Bíblia Pastoral - Nova Edição**. São Paulo: Paulus, 2014.

KAEFER, José Ademar. **Un Pueblo libre y sin reyes: la función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco**. ABE/44. Estella: Editorial Verbo Divino, 2006.

KAISER, O. Der historische und der biblische König Saul (Teil I). **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, Berlin, v.122, n.4, p. 520-545, 2010.

KAISER, O. Der historische und der biblische König Saul (Teil II). **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, Berlin, v. 123, n.1, p. 1-14, 2011.

MESHEL, Z.; CARMI, I.; SEGAL, D. 14C Dating of an Israelite biblical site at Kuntillet Ajrud. **Radiocarbon**, New Haven, v.37, n. 2, p. 205-212, 1995.

METTINGER, T. N. D. **King and Messiah: The Civil and Sacred Legitimation of the Israelite Kings**. Lund: Gleerup, 1976, p. 64-98.

NA'AMAN, N. Saul, Benjamin and the Emergence of “Biblical Israel” (Part 1). **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, Berlin, v.121, p. 211-224, 2009.

NA'AMAN, N. *Saul*, Benjamin and the Emergence of “Biblical Israel” (Part 2). **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, Berlin, v.121, p. 335-349, 2009.

NA'AMAN, N. The Pre-Deuteronomistic Story of King Saul and Its Historical Significance. **The Catholic Biblical Quarterly**, Washington, v.54, p. 638-658, 1992.

NIHAN, C.; NOCQUET, D. 1-2 Samuel. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.-D.; NIHAN, C. **Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia**. São Paulo: Loyola, 2010, p. 338-368.

PRITCHARD, J. B. (ed.). **The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament**. New Jersey: Princeton University Press, 1969.

RÖMER, T., The revelation of the Divine Name to Moses and the Construction of a Memory About the origins of the Encounter Between YHWH and Israel. In: LEVY, T. E.; SCHNEIDER, T.; PROPP, W. H. (orgs.). **Israel's Exodus in Transdisciplinary Perspective**. Heidelberg: Springer, 2015, p. 305-315.

SCHNIEDEWIND, W. **Como a Bíblia tornou-se um livro**. São Paulo: Loyola, 2011.

SCHNIEDEWIND, W. The Search of Gibeah: Notes on the Historical Geography of Central Benjamin. In: MAEIR, A. M.; MIROSCHEDEJI, P. (orgs.). **“I Will Speak the Riddles of Ancient Times”** Archaeological and Historical Studies in Honor of Amihai Mazar. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006, p. 711-722.

VAN SETERS, J. **Em busca da história**. Historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica. São Paulo: EdUSP, 2008.